

O basquetebol como conteúdo nas aulas de educação física a partir das narrativas de professoras do município de Miracema do Tocantins-TO

  <https://doi.org/10.56238/aboreducadesenvomundiv1-026>

Willian Gonçalves de Jesus

Superior incompleto
Universidade Federal do Tocantins

Vicente Cabrera Calheiros

Doutor
Universidade Federal do Tocantins

RESUMO

O presente trabalho teve como objetivo analisar e discutir as narrativas das professoras de Educação Física quanto às suas experiências no ensino do basquetebol como conteúdo da Educação Física. Caracterizada como uma pesquisa qualitativa do tipo exploratória. Utilizamos como instrumento para coleta de dados a entrevista semiestruturada. Foram entrevistadas três professoras com formação em Educação Física que atuam na rede municipal e estadual de ensino de Miracema do Tocantins. A entrevista apresentou 6 questões pelas quais as professoras nortearam suas narrativas e experiências práticas com a modalidade. Desse modo, o estudo identificou que, o conteúdo basquetebol, é uma das modalidades esportivas trabalhadas nas práticas educativas das professoras,

no entanto, há um predomínio da prática da modalidade futsal em detrimento das outras modalidades no âmbito escolar, tornando a proposição de outros esportes e/ou práticas corporais um desafio ainda maior na concepção das professoras. As três docentes afirmaram ter todo respaldo por parte da gestão escolar em ofertar as práticas corporais estabelecidas pela BNCC, documento pelo qual norteiam seus planejamentos. A partir das narrativas e da pesquisa de campo, compreendemos que das três escolas, duas oferecem condições favoráveis para o ensino do basquetebol com espaço físico (quadra esportiva) e materiais e/ou implementos (bolas de basquete, aptos, cones) apropriados. Por fim, esperamos que essa proposta de trabalho possa auxiliar novas pesquisas relacionadas à temática, pois identificamos uma carência de produções literárias que tratam do basquetebol como conteúdo da Educação Física escolar.

Palavras-chave: Basquetebol escolar, Educação Física, Professores, Esportes.

1 INTRODUÇÃO

O presente estudo objetiva analisar, discutir e traçar considerações a partir das narrativas de professoras de Educação Física (EF) do município de Miracema do Tocantins, quanto às suas vivências/experiências no ensino de uma modalidade esportiva específica: o basquetebol. Deste modo, foi realizada uma investigação no sentido de perceber se esta modalidade se encontra no rol de conteúdos trabalhados por estas docentes, assim como, as condições materiais das escolas (quadra poliesportiva) e de materiais/implementos (bolas, cones, aptos, bambolês e etc), entre outras questões. Para tanto, cabe situar nossa compreensão acerca do esporte, assim como, sobre sua inserção na escola como um conteúdo nas aulas de EF.

Partimos do entendimento de que o esporte é um fenômeno social que transcende os muros da escola, exercendo uma forte influência nas práticas pedagógicas dos(as) professores(as) de Educação Física, sobretudo quando se refere às modalidades coletivas mais populares no Brasil como o futsal, o

voleibol, o handebol e o basquete que, ao longo dos anos, se consolidaram como as preferidas dos educandos principalmente por meio da presença das mesmas nas esferas midiáticas. De acordo com Kunz e Fensterseifer (2012, p. 55) “O fenômeno esporte tem ocupado um lugar de destaque na sociedade contemporânea, constituindo-se como um dos mais importantes objetos de análise, não apenas das ciências do esporte, mas também de múltiplas abordagens literárias”. Seguindo esta mesma linha de pensamento, para Lucca e Marcomini (2021, p. 77), “[...] o esporte é um dos ricos patrimônios existentes e que a escola é a principal responsável em transmitir às novas gerações parte da cultura”. Esses mesmos autores afirmam que:

Investigando a realidade de algumas escolas, são inúmeros os desafios que percorrem o ambiente de aprendizagem esportivo nas aulas de Educação Física escolar, dentre eles: a prática pedagógica pautada na repetição de gestos técnicos, a exacerbação da competição, a exclusão das meninas e alunos considerados menos habilidosos, entre outras. Todas essas singularidades apresentam-se como limitadores ao aprendizado que deveria ser o mais integrador e humanizado possível (LUCCA; MARCOMINI, 2012, p. 77).

Aprofundando o olhar para o esporte em âmbito escolar, percebe-se sua importância ao se analisar a Base Nacional Comum Curricular (BNCC), na qual este fenômeno social - aqui entendido como um conteúdo das aulas de Educação Física se apresenta como uma das suas unidades temáticas, e se subdivide em sete categorias, que seguem: 1. Marca; 2. Precisão; 3. Técnico-combinatório; 4. Rede/quadra dividida ou parede de rebote; 5. Campo e (6) taco; 7. Invasão ou territorial. A organização destas parte de acordo com um “modelo de classificação baseado na lógica interna, tendo como referência os critérios de cooperação, interação com o adversário, desempenho motor e objetivos táticos da ação” (BRASIL, 2018, p. 217).

Dentre as subdivisões do esporte segundo a BNCC, a modalidade basquetebol é classificada como sendo de invasão ou territorial, as quais são definidas como:

[...] conjunto de modalidades que se caracterizam por comparar a capacidade de uma equipe introduzir ou levar uma bola (ou outro objeto) a uma meta ou setor da quadra/campo defendida pelos adversários (gol, cesta, touchdown etc.), protegendo, simultaneamente, o próprio alvo, meta, ou setor do campo (basquetebol, frisbee, futebol, futsal, futebol americano, handebol, hóquei sobre grama, polo aquático, rúgbi, etc.). (BRASIL, 2018, p. 216).

A BNCC preconiza que a unidade temática esporte, deverão ser trabalhados somente a partir do terceiro ano do Ensino Fundamental, perpassando toda esta etapa da Educação Básica ao qual especifica e determina as habilidades a serem desenvolvidas ao longo do processo educativo (BRASIL, 2018).

Para a etapa do Ensino Médio, a Base enfatiza que:

[...] além da experimentação de novos jogos e brincadeiras, esportes, danças, lutas, ginásticas e práticas corporais de aventura, os estudantes devem ser desafiados a refletir sobre essas

práticas, aprofundando seus conhecimentos sobre as potencialidades e os limites do corpo, a importância de se assumir um estilo de vida ativo, e os componentes do movimento relacionados à manutenção da saúde. É importante também que eles possam refletir sobre as possibilidades de utilização dos espaços públicos e privados que frequentam para desenvolvimento de práticas corporais, inclusive as aprendidas na escola, de modo a exercer sua cidadania e seu protagonismo comunitário (BRASIL, 2018, p. 484).

Ainda durante o Ensino Médio, a BNCC reforça que os sujeitos deverão ter acesso a práticas corporais que os conduzam a uma reflexão crítica da importância das mesmas no desenvolvimento de competências e habilidades direcionadas à promoção da saúde e o auto cuidado com o corpo; da compreensão dos seus limites e potencialidades por meio da consciência corporal; da intencionalidade e reflexão das ações motoras e cognitivas a fim de atribuir novos valores, sentidos e significados; do fomento ao protagonismo comunitário; do combate aos estereótipos e respeito às diferenças e da valorização das práticas corporais, entendendo-as como ferramentas necessárias e essenciais no processo de ensino (BRASIL, 2018).

É preciso pontuar sobretudo que, mesmo no cenário atual, o basquetebol sendo uma das modalidades mais praticadas no país, e portanto presente em quase todo território nacional, o que se observa, conforme Silva et al. (2019, p. 170) é que “[...] apesar dessas considerações sobre o fenômeno esportivo, o basquetebol ainda é negligenciado na escola”. Desta forma, os sujeitos deixam de ter acesso a essa modalidade que oportuniza saberes, vivências e experiências fundamentais e necessárias que só a educação física como disciplina do currículo escolar é capaz de proporcionar. Levando em consideração esses aspectos, é necessário que os profissionais diretamente envolvidos nos processos de ensino aprendizagem desses educandos possam criar, propor e implementar em suas aulas, diferentes estratégias e metodologias de ensino, especialmente das modalidades coletivas, a fim de incorporar novos elementos pedagógicos e romper com os métodos tradicionais de ensino dos esportes no âmbito escolar, que se caracterizam por serem totalmente exclusivos, seletivos e direcionado para formação de atletas de alto rendimento, não de pessoas.

2 METODOLOGIA

O desenvolvimento da pesquisa se deu a partir de uma abordagem qualitativa do tipo exploratória. Em relação à pesquisa qualitativa, Minayo (2011, p. 21) considera que “[...] ela trabalha com o universo dos significados, dos motivos, das aspirações, das crenças, dos valores e das atitudes”. Já em relação à pesquisa do tipo exploratória, Gil enfatiza que:

Estas pesquisas têm como objetivo proporcionar maior familiaridade com o problema, com vistas a torná-lo mais explícito ou a constituir hipóteses. Pode-se dizer que estas pesquisas têm como objetivo principal o aprimoramento de idéias ou a descoberta de intuições. Seu planejamento é, portanto, bastante flexível, de modo que possibilite a consideração dos mais variados aspectos relativos ao fato estudado. Na maioria dos casos, essas pesquisas envolvem: (a) levantamento bibliográfico; (b) entrevistas com pessoas que tiveram experiências práticas

com o problema pesquisado; e (c) análise de exemplos que “estimulem a compreensão”. (SELLTIZ et al., 1967, p. 63 apud GIL, 2007, p. 41).

O processo de escolha das colaboradoras foi elaborado a partir de critérios de inclusão e exclusão, que seguem: 1. Inclusão: ser professor(a) de Educação Física da rede pública municipal ou estadual de ensino, estar atuando como docente ao longo da realização da pesquisa e ter assinado o Termo de Consentimento Livre e Esclarecido (TCLE); 2. Exclusão: não ter formação específica em Educação Física, estar sob licença ou afastado da função por tempo indeterminado, e por fim, não ter assinado o TCLE.

Durante a pesquisa de campo junto aos órgãos competentes¹, identificamos na zona urbana a existência de 4 (quatro) escolas municipais e 7 (sete) escolas estaduais, incluindo a Associação de Pais e Amigos dos Excepcionais (APAE-MIRACEMA). Posteriormente, foi feito um levantamento mais detalhado junto a Diretoria Regional de Ensino (DRE) e da Secretaria Municipal de Educação do referido município, onde identificou-se, um total de 13 (treze) professores(as) de Educação Física. Deste total, 11 (onze) professores(as) encontram-se nas 6 (seis) escolas estaduais e APAE-MIRACEMA, e 2 (dois) professores(as) atuam nas 4 (quatro) escolas municipais. Após contato com o corpo docente acima especificado, somente 3 (três) professoras se disponibilizaram em colaborar com o estudo. Com o objetivo de preservar a identidade das mesmas, utilizaremos ao longo do trabalho os seguintes nomes fictícios, em referência às jogadoras que atuaram na seleção brasileira de basquete: *Hortência, Janeth e Paula*.

Ademais, como método para coletar os dados utilizamos a entrevista semiestruturada individual. Sobre esse método, Gil sustenta que:

Pode-se definir entrevista como técnica em que o investigador se apresenta frente ao investigado e lhe formula perguntas, com o objetivo de obtenção dos dados que interessam à investigação. A entrevista é, portanto, uma forma de interação social. Mais especificamente, é uma forma de diálogo assimétrico, em que uma das partes busca coletar dados e a outra se apresenta como fonte de informação. (GIL, 2008, p. 109).

Conforme acordado previamente entre as partes interessadas, as escolas em que exercem suas atividades docentes foram os locais escolhidos para realização das entrevistas e subsequentes registros fotográficos² da estrutura física e dos materiais utilizados nas aulas práticas.

Outra técnica de coleta de dados utilizada foi a revisão bibliográfica de artigos científicos; livros; teses e dissertações que versassem sobre o basquetebol como esporte/conteúdo da disciplina de

¹ Secretaria Municipal de Educação (SEMEC) e Diretoria Regional de Educação (DRE)”.
² Neste texto não iremos expor os registros fotográficos, a fim de centrar a análise nas discussões por meio dos elementos obtidos com as entrevistas.

Educação Física; e por fim dos documentos que norteiam a educação nacional como a BNCC. Sobre a revisão bibliográfica, Gil (2009) enfatiza que:

[...] é desenvolvida com base em material já elaborado, constituído principalmente de livros e artigos científicos. Embora em quase todos os estudos seja exigido algum tipo de trabalho dessa natureza, há pesquisas desenvolvidas exclusivamente a partir de fontes bibliográficas (GIL, 2009, p. 44).

Ainda com relação a coleta de dados, selecionamos os seguintes bancos: Biblioteca da UFT - Câmpus de Miracema; Catálogo de Teses e Dissertações da CAPES; Google Scholar e Scielo. Foram realizadas as respectivas leituras dos resumos apenas dos trabalhos em português e que se relacionassem diretamente com a temática. Para o registro das respostas, utilizou-se um gravador com o consentimento dos entrevistados, como consta na assinatura do TCLE. De acordo com Gil (2008, p. 119), este “[...] é o melhor modo de preservar o conteúdo da entrevista.”

3 RELATOS DE EXPERIÊNCIAS A PARTIR DAS ANÁLISES DAS NARRATIVAS DAS PROFESSORAS

Após a realização da análise das narrativas, realizou-se a seleção e organização das informações julgadas pertinentes e que dialogam com os objetivos propostos. Dado o exposto, as questões bem como as respostas de cada uma das entrevistadas estarão dispostas nos quadros e devidamente caracterizadas com seus respectivos nomes fictícios.

Quadro 1–Pergunta as entrevistadas

Questão 1: Por que você escolheu o curso de Educação Física?
Hortência: “Eu escolhi o curso de Educação Física por gostar de esportes” (HORTÊNCIA, 2022).
Janeth: “Eu sempre gostei da Educação Física, sempre joguei na minha infância, então assim, eu gostava muito de jogar, então assim eu achava o máximo os professores de Educação Física” (JANETH, 2022).
Paula: “Na verdade eu fiz o Enem pensando em outro curso né, mas como o curso era integral eu optei por educação física. ”(PAULA, 2022).

Fonte: O autor.

Ao analisarmos a primeira questão, percebe-se uma semelhança nas respostas apresentadas pela professora *Hortência* e pela professora *Janeth*, ou seja, ambas optaram pelo curso de Educação Física pelo fato de terem uma relação próxima com o esporte. Já a professora Paula, relata que o curso de Educação Física não era sua primeira opção, e sim um curso integral que não especificou o nome.

A importância de se conhecer os motivos para a realização do curso é o de compreender, mesmo que parcialmente, quais as razões que fazem com que elas trabalhem com o conteúdo esporte escolhendo, entre as distintas modalidades, o basquete, tanto como nos dá evidências para entender os motivos que as fazem não trabalhar com esta modalidade.

Quadro 2 - Pergunta as entrevistadas

Questão 2: Ao longo da sua graduação, como foi sua experiência/aproximação com a escola?
<p>Hortência: “Olha, a gente teve bastante aproximação com a escola nos estágios supervisionados.”(HORTÊNCIA, 2022).</p>
<p>Janeth:“Assim, como a gente, que o PARFOR ele foi favorecido para os professores que já estavam na rede municipal de educação, então para nós não foi difícil, porque já tínhamos, não eram muito mais um pouquinho da bagagem já como trabalhar com essas crianças né.”(JANETH, 2022).</p>
<p>Paula:“Durante a graduação, a experiência inicial foi nos estágios onde a gente fez observações e algumas regências.”(PAULA, 2022).</p>

Fonte: O autor.

Já com relação às experiências e aproximações com o ambiente escolar, as professoras *Hortência* e *Paula* compartilharam da mesma vivência durante suas formações acadêmicas, que foram através dos estágios supervisionados. *Hortência* considera que “[...] os estágios eram bem elaborados e realmente nós tínhamos esse contato com a sala de aula, ou seja, ter essa vivência antes mesmo de estar formada, o que nos preparou para o mercado de trabalho”. Seguindo o mesmo direcionamento, Quaranta e Pires (2013, p. 52) afirmam que:

[...] pensamos o estágio supervisionado como espaço privilegiado para a experiência formativa dos futuros docentes no âmbito das culturas escolares. Independente do campo do conhecimento, o estágio possui uma centralidade ímpar por “iniciar”, por assim dizer, o acadêmico no espaço de atuação profissional. ” Reconhecemos, também, que a Prática Pedagógica como Componente Curricular, espaço curricular que deve se dar desde o início dos cursos de licenciatura, como uma alternativa importante nesse processo de aproximação do acadêmico à cultura escolar. (QUARANTA; PIRES, 2013, p. 52).

Em seus relatos, a professora *Janeth* afirma que “[...] assim, como a gente, que o PARFOR ele foi favorecido para os professores que já estavam na rede municipal de educação, então para nós não foi difícil, porque já tínhamos, não era muito, mas um pouquinho da bagagem de como trabalhar com essas crianças” (NARRATIVAS, JANETH, 2022). Portanto, a referida professora já exercia profissionalmente a atividade docente antes mesmo de iniciar a graduação em Licenciatura em Educação Física promovido pelo Plano Nacional de Formação de Professores da Educação Básica (PARFOR), programa que possibilitou aos professores que já exerciam atividades docentes na educação básica o acesso a um curso superior.

Quadro 3–Pergunta as entrevistadas

Questão 3: E com o basquete, qual foi a tua aproximação com esta modalidade ao longo da sua trajetória acadêmica?
Hortência: “Olha em relação ao basquete nós tivemos um pouco de dificuldade na graduação por não ter um espaço apropriado, mas tivemos algumas aulas. Mas tivemos algumas aulas, também questões de professores estavam em falta nesse tempo, mas a gente teve muita parte teórica e as práticas foram bem menos, aí eu senti um pouco de deficiência em relação a isso.” (HORTÊNCIA, 2022).
Janeth: “Pois é, o basquete é um esporte que poucas pessoas conhecem, na verdade conhece, mas não é bem aceito aqui na região. Mas eu acho interessante também que é um dos esportes que a gente acha interessante se aproximar.” (JANETH, 2022).
Paula: “A gente teve experiências principalmente nas disciplinas né, que envolve basquete, e também eu fiz um curso relacionado ao ensino do basquete para as séries iniciais do ensino fundamental.” (PAULA, 2022).

Fonte: O autor.

A questão 3 trata de forma mais específica das experiências que as professoras tiveram com a vivência do basquetebol, ao longo de suas formações acadêmicas. A professora *Hortência*, relata ter muita dificuldade com relação ao basquete devido a não ter tido acesso durante a graduação, à um espaço apropriado para prática da modalidade. Ao ser interpelada sobre o fato desses acontecimentos terem ocasionados lacunas no seu aprendizado, e, portanto, influenciando negativamente hoje na sua prática docente, ela enfatizou que sim.

Já a professora *Janeth*, apresentou alguns elementos importantes, mas que não estão relacionados com o que a questão anseia investigar.

Por fim, a professora *Paula* relata que o contato com a modalidade se deu apenas em algumas disciplinas que tratavam dos esportes, porém, como forma de apreender novos conhecimentos a fim de potencializar suas práticas educativas, e que fez cursos de ensino do basquetebol para séries iniciais do Ensino Fundamental.

3.1 IDEIA

Quadro 4–Pergunta as entrevistadas

Questão 4: Quando trabalha com o basquetebol, qual o seu objetivo, como avalia e como realiza as atividades pensando na progressão pedagógica?
Hortência: “Agora que eu estou atuando na minha área, na escola que eu trabalho a gente não tem estrutura, aqui a gente trabalha com o que a escola oferece, temos uma quadra adaptada onde estão as cestas, porém sem a tabela, o que dificulta ainda mais a realização da prática. Pensando na progressão pedagógica, eu procuro trabalhar os fundamentos básicos para que meus alunos entendam a base e possam fazer bem feito.”(HORTÊNCIA, 2022).
Janeth: “Eu mostro os fundamentos, ou como é que se diz, as regras fundamentais para elas né, o passe, ou algumas coisas assim, os fundamentos básicos para eles. O que eu espero dos meus alunos é que eles tenham conhecimento e a gente acaba querendo ver deles, se eles gostam, qual o tipo de esporte que eles gostam. Hoje em dia tudo é futebol, e aí quando a gente coloca uma modalidade diferente eles não querem, eles (alunos) dizem assim "aí eu não gosto" e não, eu tento trabalhar com eles mostrando outras modalidades.”(JANETH, 2022).
Paula: “Eu penso que o objetivo de trabalhar qualquer esporte, nesse caso aqui o basquetebol, a gente tem que trabalhar para que o aluno tenha vivência né, a gente não vai focar só nos gestos técnicos né, tem que usar atividades educativas, que o aluno tenha essa vivência do basquete e também das outras modalidades. Eu considero importante iniciar os educativos pelos fundamentos básicos né, principalmente no período pós pandemia né, que os alunos passaram bastante tempo fora da escola”. (PAULA, 2022).

Fonte: O autor.

Na questão 4, as professoras enfatizaram a importância de realizar as atividades práticas por meio da progressão pedagógica, ou seja, a partir do ensino dos fundamentos básicos do basquetebol, e gradativamente, sempre após reiteradas reflexões sobre a prática, observando se os alunos estão aprendendo o que era esperado. No caso da professora *Janeth*, que trabalha com as séries iniciais do Ensino Fundamental, é essencial utilizar estratégias lúdicas aliadas a brincadeiras para que as aulas se tornem mais atraentes ao público alvo. Todo esforço é válido para que nesta fase da vida, as crianças desenvolvam o prazer pela prática esportiva e como consequência, desenvolvem também, um estilo de vida ativo e saudável, diminuindo as probabilidades de no futuro, se tornarem adultos sedentários.

O professor de Educação Física é o responsável em fomentar esse ambiente cooperativo, e é também responsável por criar estratégias coerentes para cada grupo de indivíduos. Também é seu papel a escolha de estratégias que consigam atender aos princípios e objetivos predeterminados. (PAES, MONTAGNER; FERREIRA, 2019, p. 12).

Ainda sobre a narrativa da professora *Janeth*, a mesma enfatiza que é um desafio enorme propor o ensino de qualquer outra modalidade que não seja o futebol (futsal). Para ela, romper com essa resistência foi talvez seu maior desafio enquanto docente de Educação Física, mas que com o tempo, percebeu por parte dos alunos, uma aproximação e busca por outras modalidades coletivas e individuais, inclusive o atletismo. Ademais, o trabalho com o atletismo se configura como uma excelente ferramenta de ensino de alguns dos fundamentos básicos realizados na prática do basquetebol, aos professores de Educação Física, haja vista que, as corridas podem ser adaptadas para deslocamentos em diferentes direções e variações (de costas, para o lado, para frente e etc.). Outra possibilidade é trabalhar os saltos verticais em situações de bandeja, transição, e o arremesso com peso, adaptá-lo de forma a exemplificar um passe de gancho, portanto, são inúmeras as possibilidades que se apresentam aos professores para que mesmo diante dos piores cenários de descaso de acesso a uma estrutura física e implementos apropriados, possam utilizar da criatividade e sendo proativos, criando meios para oportunizar que seus alunos vivenciem as práticas corporais e seu desenvolvimento concorra na sua integralidade.

As considerações da professora *Hortência* com relação à questão 4, evidencia infelizmente uma realidade de grande parte das escolas do país, que é inexistência, ou como é o caso, adaptações de locais para realização das práticas educativas dos professores de Educação Física. De acordo com a professora, a escola oferece os materiais e implementos necessários para execução das atividades práticas, porém, o espaço em que se realiza as mesmas é fruto da adaptação de um espaço vazio no pátio da escola. Segundo a professora, que trabalha com as séries finais do Ensino Fundamental, é muito difícil propor atividades que simulem situações de jogo como metodologia de ensino aos alunos devido a estrutura ter apenas o arco e serem relativamente baixos para os mesmos.

A professora *Paula*, apresenta em suas reflexões, a relevância do papel do professor como mediador no processo de ensino-aprendizagem. Para ela, os professores de Educação Física devem oportunizar meios para que os sujeitos experimentem a pluralidade de modalidades esportivas, nesse caso, o basquetebol, por meio de atividades educativas e transformadoras, e não priorizar o ensino dos esportes numa perspectiva tecnicista voltada ao desenvolvimento de gestos motores específicos.

A compreensão do que significa ensinar/aprender esporte não é tão simples, apesar da ideia, muito comum, de que ensinar um esporte é ensinar a praticá-lo. Conhecer o esporte não significa apenas saber executá-lo, mas também saber suas regras, sua história, sua inserção sociopolítica. Esse aspecto possibilita a realização de uma proposta pedagógica da Educação Física, que apresenta uma prática esportiva fundamentada numa visão crítica do fenômeno esporte. (SANTOS; NISTA-PICCOLO, 2011, p. 65).

Vale destacar também que, a professora *Paula* expõe uma situação sobre as práticas pedagógicas no período pós pandemia do *COVID-19*. Em sua exposição deixa claro que após o retorno às atividades presenciais, observou uma falta de interesse dos estudantes em participar das aulas práticas. Esta professora trabalha com 8 turmas, todas do ensino médio, e para complementar a carga horária exerce de forma cumulativa, a função de pedagoga.

Quadro 5–Pergunta as entrevistadas

Questão 5: A escola oferece uma estrutura física (espaço físico) e implementos (bolas, cones, apto, entre outros) necessários para execução das atividades práticas nas aulas da modalidade basquetebol?
Hortência: “Sim, a nossa escola tem muito material, tem tatame, temos bolas de basquete, bolas de futsal, de vôlei, mesmo sem a estrutura física adequada da escola(quadra), mas em relação a materiais é muito rico e tenho todo apoio por parte da direção, dos coordenadores em atender as minha demandas por materiais o mais breve possível.”
Janeth: “Sim sim, ela oferece bola, tem o arco lá da escola, eles já colocam já, como é que fala, já faz a quadra já com o arco e a tabela tudo arrumadinho para prática do basquete. (JANETH, 2022).
Paula: “Sim, a escola oferece estrutura física adequada, a gente tem quadra coberta e materiais também, agente tem bolas de todas as modalidades, cones, entre outros materiais.”(PAULA, 2022).

Fonte: O autor.

Para a professora *Hortência* a escola, dentro do possível, sempre se dispôs a atender as demandas de materiais, tanto que no trecho acima referenciado percebe-se a variedade de materiais e implementos elencados pela mesma. Essa diversidade de materiais atrelada a “[...] uma base teórica para orientar sua prática pedagógica, faz-se necessário repensar o esporte no contexto escolar, considerando-o como conteúdo de uma disciplina comprometida com o processo educativo” (SANTOS; NISTA-PICCOLO, 2011, p. 65). Portanto, o problema pode não estar na falta de materiais e espaços adequados, e sim nas limitações cognitivas e técnicas de profissionais que não compreendem que o processo de aprendizagem é contínuo.

A escola da professora *Janeth*, a exemplo da citada anteriormente, também se dispõe sempre que a professora demandar, a atender as solicitações de compra de materiais e implementos. Então, como reforça a professora, a escola possui uma estrutura considerada boa com quadra coberta, tabelas de basquete com arcos e redinhas, bolas, cones, bambolês, entre outros. Como a professora *Janeth* trabalha no Ensino Fundamental anos iniciais, ou seja, alunos de (1º ao 5º ano), e após observar a estrutura das tabelas de basquete, identifiquei que as mesmas não são retráteis, e portanto, impossíveis de regular as alturas. Interpelada sobre o fato dela (professora) trabalhar com turmas de 1 ao 5 ano do ensino fundamental, e o fato da tabela não ser retrátil, dificultaria a sua prática docente, ela respondeu o seguinte: Sim, dificulta por quê assim, como a gente trabalha do 1 ao 5 ano do Ensino Fundamental, dos primeiros até o terceiro ano são crianças, então assim, eles têm dificuldade de arremessar a bola, já os do 4 e 5 ano, já tem mais facilidade, por n quê já são maiorzinhos.”De posse dessas informações, questionei a professora se isso afeta suas práticas docentes. Ela respondeu que sim, pois como são crianças, ainda não possuem as habilidades e capacidades físicas para realizar um dos fundamentos básicos do basquetebol como o arremesso, com os arcos estando naquela altura. Porém, é importante esclarecer que, como já explicitado no início deste trabalho, o basquetebol de acordo com a BNCC, será ofertado nos anos iniciais do Ensino Fundamental somente a partir do terceiro ano. Reitero que, a professora *janeth* na íntegra da entrevista, afirmou que a fundamentação teórica para realização dos planejamentos de suas aulas é a BNCC, portanto, só oferta o basquetebol como conteúdo em suas aulas segundo as determinações da BNCC.

Importante salientar que, mesmo diante de uma situação desafiadora com a descrita anteriormente pela professora *janeth*, o professor(a) deverá criar estratégias que atenda ao objetivo maior, que é de possibilitar que os sujeitos vivenciem a prática do basquetebol numa perspectiva pedagógica e, portanto, carregadas de sentidos e significados. Uma das possibilidades é por meio das adaptações nas estruturas de jogo, ou seja, nos espaços, nas regras, no número de participantes, enfim, de acordo que contemple a heterogeneidade da turma e que todos, sem exceção, possam participar.

A exemplo das demais, a escola da professora *Paula* também possui materiais, implementos e espaço físico adequado à realização das atividades práticas.

Quadro 6–Pergunta as entrevistadas

Questão 6: Na sua concepção, é possível discutir desigualdade, preconceito e estereótipos por meio do conteúdo basquetebol nas aulas de Educação Física?

Hortência: “Sim, como por exemplo, o basquete não é um esporte tão popular, eu acredito assim, o mais popular é o futsal, mas podemos mudar essa realidade, pois na prática, quando chegamos com as crianças elas já perguntam sobre a bola de futsal, de vôlei, porém é necessário trabalhar para dirimir essa questão da desigualdade e preconceito.”

Janeth: “Sim, podemos trabalhar com isso aí, é possível trabalhar por que é igual eu tô falando assim, uns falam, ai professora, eu não vou mexer com basquete por que não sou alto, né, a questão da altura, eu falo que não, é questão da sua habilidade de jogar bola. Eu já trabalho muito com eles sobre questões da meninas e meninos poderem praticar a mesma modalidade, por quê eles dizem, as meninas não dá conta, é pesada a bola, entendeu, essas coisinhas assim, então eu tento trabalhar com eles tirando esse preconceito.”(JANETH, 2022).

Paula: “É possível sim discutir essas questões apontadas na questão, como por exemplo a diferença de salários entre atletas masculinos e femininos não só do basquete como também de outras modalidades, como por exemplo a copa do mundo de futebol né, valoriza muito a masculina e a feminina não. E essa questão dos estereótipos, também, principalmente na escola né, que a gente vai ensinar esse conteúdo e os alunos ficam com esses questionamentos, um aluno é mais alto, outro aluno é mais baixo, aí vem essa questão também.”(PAULA, 2022).

Fonte: O autor.

É consenso entre as entrevistadas que, é possível sim, discutir em suas práticas educativas os temas elencados na referida questão. Todavia, é necessário considerar que diferentes sujeitos podem apresentar percepções distintas sobre um mesmo assunto.

Levando-se em consideração esses aspectos, iniciaremos as discussões deste tópico analisando as narrativas da professora *Hortênci*a. Dito isto, a professora relata que o basquetebol não é um esporte popular entre os alunos, principalmente quando comparado a outros esportes como o futsal.

É necessário dar a devida atenção a essa discussão, pois reiteradamente é exposta nas narrativas das professoras como um dos principais desafios em seus fazeres docentes, e um dos objetivos deste estudo, é justamente investigar os fatores que inviabilizam ou dificultam a utilização do conteúdo basquete nas aulas de Educação Física. Dito isto, retorno a narrativa da professora *Hortência* para destacar uma das falas em que afirma a necessidade de mudar essa realidade fundamentada na monocultura esportiva, e trabalhar suas práticas educativas sob outras perspectivas, a fim de dirimir com essas questões de desigualdades e preconceitos nas aulas de EF.

Já em suas narrativas, a professora *Janeth* enfatiza que procura trabalhar em suas aulas essas questões, principalmente as que dizem respeito aos estereótipos, e isto fica evidente ao analisarmos os relatos dos próprios alunos evidenciados pela docente afirmando não quererem jogar basquete por não serem altos. Na sua concepção, todos os alunos, deverão ter a possibilidade de vivenciar diferentes práticas corporais, inclusive o basquetebol. A docente também apresenta a discussão de um outro tema, que é a questão do gênero, pois entende haver por parte dos meninos, preconceito com relação à participação das meninas nas atividades práticas. Sobre isso, Severino, Gonçalves e Darido (2015) enfatizam que:

[...] as meninas que se propõem jogar Basquetebol enfrentam, além das próprias dificuldades inerentes da modalidade, o preconceito. Pelo fato de ser o Basquetebol uma modalidade muito praticada pelos homens, os autores observam que isso faz com que se estabeleça uma impressão errônea de que se trata de uma prática exclusivamente masculina, fazendo com que as meninas basquetebolistas sofram críticas inclusive quanto à orientação sexual (SEVERINO, GONÇALVES; DARIDO, 2015, p. 37 apud RODRIGUES; DARIDO, 2011).

Por fim, apresentaremos as narrativas da professora *Hortência*, que em sua maioria, estão alinhadas às das demais docentes quanto aos temas propostos pela questão. Contudo, considerando a pluralidade de percepções e de diferentes formas de agir dos indivíduos, identificamos outros elementos importantes e que enriquecem o nosso debate. Portanto, deve partir do professor a iniciativa de problematizar nas aulas, questões direcionadas a discutir a diferença de salários entre homens e mulheres não só no basquete, como também nas outras modalidades, pois na concepção da docente, se configura como uma excelente ferramenta pedagógica para discutir desigualdades. Outro ponto é quando faz menção a necessidade dos professores de Educação Física estarem atentos ao que acontece no cenário esportivo, e a partir disso, relacionar esses acontecimentos aos conteúdos que estão sendo trabalhados nas aulas. Para *Hortência*, essa visibilidade promovida pela mídia a esses eventos, oferece aos professores, a oportunidade de potencializar suas práticas pedagógicas, e cita o exemplo da copa do mundo de futebol masculina, um dos maiores, se não o maior evento esportivo do mundo, em detrimento da feminina, com relação a cobertura da mídia. De acordo com a professora, a Educação Física como disciplina presente nos currículos escolares, deve fomentar esses debates através não só

do basquetebol, mas também das outras modalidades esportivas, considerando os aspectos físicos e também os sociais.

De forma geral, entendendo a importância e pluralidade das práticas corporais presentes na cultura corporal do movimento no processo de formação integral dos indivíduos, consideramos importante analisar e discutir propostas relacionadas ao ensino do basquetebol como conteúdo nas aulas de EF, principalmente após identificarmos durante os procedimentos de coleta de dados, uma carência de produções científicas que tratem dessa temática. Contudo, observou-se a partir das análises das narrativas que a modalidade está presente nas práticas educativas das professoras, no entanto, com constantes tensões entre docentes e discentes, motivados pela preferência dos alunos pelo futebol (futsal). Por fim, de acordo com as docentes, apesar dos desafios, o objetivo é sempre dentro das possibilidades e realidades, oportunizar que os alunos vivenciem o maior número de práticas corporais possíveis.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

O objetivo desta pesquisa consistiu em apresentar a partir das narrativas das professoras de Educação Física da cidade de Miracema do Tocantins, como se desenvolve os processos de ensino aprendizagem do conteúdo basquetebol segundo as experiências, características e especificidades individuais de cada docente e instituições de ensino.

Durante a pesquisa de campo, identificou-se que a modalidade em questão, faz parte do rol de conteúdos trabalhados pelas professoras em seus fazeres docentes. Ademais, percebe-se por meio das narrativas das mesmas, que, existem materiais e estrutura física suficientes para que desenvolvam o trabalho com a modalidade, tendo todo suporte por parte dos administradores das escolas quanto ao provimento e suprimento dos materiais quando solicitados. Portanto, respondendo um dos questionamentos levantados no início do referido trabalho, o basquetebol não é uma prática corporal marginalizada e/ou inexistente nas escolas em que as referidas professoras lecionam, porém, sua oferta nas aulas de Educação Física é sempre permeada por conflitos de interesses, municiados pela resistência dos alunos em experimentar novas modalidades e preferência dos mesmos por outras modalidades mais tradicionais. De acordo com Araújo, Rocha e Bossle (2018):

[...] Os estudantes determinam, a partir de seu gosto, aquilo que querem aprender, assim a cultura regional representada pelo esporte de rendimento ganha destaque e passa a assumir centralidade no contexto escolar; algo expresso pelo estilo de vida e pelo gosto dos estudantes, emergindo, assim, a monocultura esportiva (ARAÚJO, ROCHA e BOSSLE, 2018, p. 830).

É possível identificar de forma unânime, a partir das análises das narrativas das professoras, claras evidências da ocorrência da monocultura esportiva, ou seja, fenômeno caracterizado pela predominância de uma prática esportiva em detrimento das outras. De acordo com as mesmas, esse

fenômeno é corporificado no chão da escola na figura da modalidade futsal, que é de forma indiscutível, a modalidade preferida dos alunos.

[...] a escola compartilha elementos simbólicos que caracterizam a monocultura, seja pelas práticas esportivas, seja pela formação técnico-tática pautada no rendimento e na meritocracia. Então, não somente o gosto dos estudantes determina os conteúdos selecionados, mas, principalmente, as características de rendimento e meritocracia, pois ao mesmo tempo que em que a escola defende a inserção de outras manifestações culturais em seus documentos oficiais, suas práticas acabam reforçando a reprodução de uma cultura hegemônica (ARAÚJO, ROCHA e BOSSLE, 2018, p. 831).

Romper com essa hegemonia é, de acordo com as professoras, um dos maiores desafios enquanto docentes de Educação Física. Por fim, reiteramos que a construção deste trabalho é fruto de um esforço coletivo de pessoas responsáveis e compromissadas com a defesa de uma Educação Física plural, inclusiva, que reconheça a heterogeneidade de práticas corporais e de indivíduos que integram uma sociedade, e que contribua para o desenvolvimento integral desses educandos. Esperamos que essa proposta de trabalho possa auxiliar novas pesquisas relacionadas à temática, pois identificamos uma carência de produções literárias que tratam do basquetebol como conteúdo da Educação Física escolar.

REFERÊNCIAS

Araújo, s. N. De; rocha, l. O.; bossle, f. Sobre a monocultura esportiva no ensino da educação física na escola. *Pensar a prática, goiânia*, v. 21, n. 4, 2018. Doi: 10.5216/rpp.v21i4.50175. Disponível em: <https://revistas.ufg.br/fe/article/view/50175>. Acesso em: 10 abr. 2023.

Brasil. Ministério da educação. Base nacional comum curricular. Brasília, 2018.

Carlan, paulo; kunz, elenor; fensterseifer, paulo evaldo. O esporte como conteúdo da educação física escolar: estudo de caso de uma prática pedagógica" inovadora". *Movimento*, v. 18, n. 4, p. 55-75, 2012.

Gil, antonio carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 4. Ed. Editora atlas, 2008.

Gil, antonio carlos. Como elaborar projetos de pesquisa. 5. Ed. Editora atlas, 2009.

Lucca, m. H. S. De marcomini, r. A intersecção entre educação física e a filosofia: ensaio para o ensino do esporte e igualdade de gênero no ensino médio. *Revista brasileira de educação física e esporte, [s. L.]*, v. 35, n. Especial, p. 77-81, 2021. Doi: 10.11606/issn.1981-4690.v35 inesp 77-81. Disponível em: <<https://www.revistas.usp.br/rbefe/article/view/187909>>. Acesso em: 17 de outubro de 2022.

Minayo, maria cecília de souza; deslandes, suely ferreira; gomes, romeu. *Pesquisa social: teoria, método e criatividade*. são paulo: vozes, 2011.

Paes, roberto rodrigues; montagner, paulo cesar; ferreira, henrique barcelos. *Pedagogia do esporte: iniciação e treinamento em basquetebol*. 2009.

Quaranta, andré m.; pires, g. De l. Formação de professores de educação física na ead: inserção na cultura escolar através do estágio supervisionado. *Revista brasileira de ciências movimento*, v. 21, n. 1, p. 51-65, 2013.

Santos, marco aurélio gonçalves nóbrega dos; nista-piccolo, vilma lení. O esporte e o ensino médio: a visão dos professores de educação física da rede pública. *Revista brasileira de educação física e esporte*, v. 25, p. 65-78, 2011.

Severino, cláudio delunardo; miranda goncalves, francisco jose; darido, suraya cristina. A visão dos professores quanto ao processo de ensino e de aprendizagem do basquetebol nas aulas de educação física: a realidade de volta redonda/rj. *Movimento*, p. 1283-1304, 2014.